



Além da tecnologia: uma nova perspectiva para a inovação

Para atender à demanda de energia no Brasil, que deve crescer 4,5% ao ano até 2022, é preciso aumentar investimentos em pesquisas voltadas para temas como regulação e governança

Em 2013, o consumo final de energia no Brasil aumentou 2,9% em relação a 2012 – segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), esse consumo deve subir 4,5% ao ano até 2022. Para atender à crescente demanda, em parceria com centros acadêmicos, empresas de petróleo buscam novas formas de extrair petróleo e gás, geradoras investem em fontes renováveis, e distribuidoras aceleram investimentos em redes inteligentes. Em paralelo, desenvolvem-se também tecnologias capazes de reduzir impactos ambientais decorrentes da produção e do consumo de energia.

Para o Governo, é importante promover a inovação tecnológica através de programas de incentivo à pesquisa e fomentando a parceria entre empresas e universidades. Tanto no setor elétrico, como em petróleo e gás, as empresas devem aplicar parte de sua receita em pesquisa e desenvolvimento (P&D). Somente no setor de petróleo e gás, esses recursos hoje chegam a R\$ 1,5 bilhão.

No entanto, apenas uma pequena parte desses recursos é investida em pesquisas não tecnológicas. Temas como regulação, governança, ou novas metodologias para estimação de demanda muitas vezes ficam de fora dos programas de P&D. De modo geral, enxerga-se uma pesquisa em energia como inovadora se ela gerar um produto material, o que é uma característica das pesquisas técnicas.

De fato, pesquisas aplicadas à energia em áreas como Direito, economia e administração levam a resultados intangíveis, difíceis de se avaliar. Tais pesquisas não têm como resultado protótipos, novos produtos ou softwares. No entanto, pesquisas acadêmicas nessas e em outras áreas não tecnológicas trazem aprendizados importantes sobre o comportamento dos consumidores e são capazes de propor novas soluções para questões regulatórias e institucionais.

Como exemplo, um estudo do consumidor de energia elétrica que avaliasse como suas características socioeconômicas influenciam o consumo e como ele reage a preço certamente ajudaria o setor elétrico a gerenciar um aumento não previsto de demanda por energia elétrica - como ocorreu no início deste ano.

É claro que não podemos deixar de lado as inovações tecnológicas. Mas as principais dificuldades que temos enfrentado no setor

não estão relacionadas à tecnologia. Os temas que têm frequentado os jornais estão relacionados a questões de ordem econômica, social, política e ambiental.

No final de 2012, a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) incluiu a regulação entre interesse para a aplicação de recursos de P&D. O reconhecimento da agência de que o tema merece ser

destacado como linha de pesquisa representa um importante avanço. No entanto, ainda há um longo caminho a ser trilhado. Os próprios centros de pesquisa de ciências humanas e sociais devem ser capazes de propor projetos aplicados com abordagens metodológicas inovadoras e que produzam conhecimento relevante.

O setor de energia é cada vez mais multidisciplinar, exigindo conhecimentos para além da engenharia ou da geofísica. Tópicos importantes, como a interlocução com comunidades afetadas por projetos de geração ou o processo de licenciamento ambiental, precisam ser abordados a partir do conhecimento de áreas não técnicas. Seus resultados serão capazes de elucidar importantes aspectos do comportamento e das relações entre os diferentes *stakeholders*, com potencial de renovar e transformar a interação ente eles. ■

“Pesquisas acadêmicas trazem aprendizados importantes sobre o comportamento dos consumidores e são capazes de propor novas soluções para questões regulatórias e institucionais”

Lavinia Hollanda é coordenadora de Pesquisa da FGV Energia